

QUESTÃO DA MEMÓRIA E A QUESTÃO DA IMAGEM: Uma leitura de Michel Pêcheux “*Rôle de la Mémoire*”, pontos à discussão...¹

Nádia Régia Maffi NECKEL²
Unisul – UnC- Cnhas

Subverter domínios pré-determinados e perscrutar a opacidade da linguagem, e não a transparência, parece ser a ação e o espaço da Análise de Discurso, um espaço incerto segundo Pêcheux que, em seu incessante labor, trabalha a interpretação através de elementos da lingüística, ao mesmo tempo que pergunta-se se é a lingüística uma disciplina de Interpretação. As discussões no campo da sociolingüística, da semiótica e da sociosemiótica, neste texto demonstram a posição de entremeio da AD.

Assumir-se em um lugar de entremeio é na verdade assumir uma postura polissêmica e aberta. Mas, ao mesmo tempo munida de um distanciamento crítico.

Se por um lado os três campos em discussão neste texto são a princípio muito diferentes, por outro lado Pêcheux os aproxima através da noção de memória. Não se trata da memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída pelo historiador.

Nesse caso trata-se de discutir o papel da memória relacionando-o com a noção de imagem. Para AD essa é uma relação discursiva que neste caso, vai além da lingüística.

¹ Texto apresentado no I seminário de Estudos em Análise de Discurso: Michel Pêcheux e a Análise de Discurso uma relação de nunca acabar em Porto Alegre, 10 a 13 de novembro de 2003 em debate ao painel “Rôle de la mémoire” apresentado por Amanda Scherer e Tânia Taschetto (UFSM)

² Mestranda em Ciências da Linguagem – UNISUL – Florianópolis S.C. Coordenadora do Curso de Artes Visuais da Universidade do Contestado – Canoinhas. SC.

Gostaria de colocar, então, algumas questões que este texto provocou em mim, com a intenção de compartilhar algumas incertezas:

Poderíamos tomar as afirmações de Pêcheux neste texto como uma possibilidade de análise do *corpus* não verbal? Se assim for, como conferir à imagem o status de discurso?

Ao pensar na possibilidade de desenvolver uma análise discursiva do não verbal, neste caso a imagem, considerando os pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise de Discurso, percebo as dificuldades de cunho teórico quanto à materialidade do *corpus* em questão. Principalmente no que se refere ao material bibliográfico na especificidade da AD.

Ao discutir a questão relativa à imagem é preciso considerar a necessidade de se trilhar também outros campos do conhecimento além da AD, como por exemplo, o campo de Semiótica, o campo da Estética, pelo fato de que essas teorias perscrutam as questões do não verbal, tanto no que se refere a estrutura quanto a abordagem histórico-ideológica deste *corpus*. Vejo no campo da estética, a possibilidade de situar o *corpus* de análise no tempo e no espaço, no que se refere às propostas imagéticas e gestuais às quais me proponho a analisar. Este campo abarca as linguagens específicas uma vez que depende dessa especificidade como ponto de partida. E, no campo da semiótica, a sustentação sígnica para a análise da imagem enquanto estrutura. No entanto, vale ressaltar que, na minha percepção, a semiótica procura compreender a estrutura da imagem, por meio de seus signos e categorias. Ao tratar a imagem enquanto acontecimento discursivo é preciso dar um passo além da questão estrutural.

Percebo a imagem enquanto estrutura e acontecimento, enquanto discurso. E busco entender como a imagem funciona e produz sentido, e porque define determinados gestos de leitura. “O acontecimento inaugura uma nova forma de dizer, estabelecendo um marco inicial de onde uma nova rede de dizeres possíveis irá emergir”. (FERREIRA, 2001 – pág.11). E, segundo os pressupostos

da Análise de Discurso, para que tenhamos uma formação discursiva é preciso que tenhamos um acontecimento (GALLO³, 2003).

Esses são pontos que me provocaram a leitura do texto de Pêcheux, já que tenho trabalhado na tentativa de análise do texto não verbal. Mas, não é um caminho solitário. No Brasil muitos analistas de discurso têm buscado amparo teórico para a análise do não verbal. ORLANDI (2001)⁴, aponta na questão da leitura em âmbito escolar que “a relação do aluno com o universo simbólico não se dá apenas por uma via – a verbal-, ele opera com todas as formas de linguagem na sua relação com o mundo⁵”. Penso que a relação sujeito – discurso, também não ocorre somente na via verbal e sim nesse ‘universo simbólico’ da linguagem no qual utilizamo-nos de variadas práticas: gestos, imagens, sons e também as palavras. Orlandi aponta ainda,

No que diz respeito às diferentes formas de linguagem que constituem o universo simbólico do aluno seria interessante que, ao invés de ser uma relação suposta e recusada, ela fosse o ponto de partida, a fonte de hipóteses para estimular e fazer avançar o processo do aprendiz. A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno. (2001 pág.40).

Tomo essa discussão pontual de Orlandi sobre a questão da leitura na escola, para embasar meus argumentos no campo do discurso não verbal,

³ Durante debate no primeiro seminário de Análise de discurso em Porto Alegre.

⁴ Discurso e Leitura 6 ed – São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001 (Coleção passando a limpo).

⁵ Pág. 38

principalmente por reconhecer o ponto de convergência dessas discussões, nas próprias palavras de Orlandi nesta mesma publicação: “O discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção” (ibid., pág.54)

Ao considerar a imagem, o gesto, o som, como práticas de linguagem é possível reconhecê-los também enquanto estrutura e acontecimento, enquanto discursos. E, voltando ao texto de Pêcheux é possível perceber a importância da memória na compreensão dos efeitos de sentido dos *corpus* de análise do não verbal.

Tenho me dedicado à re-construção dos pré-construídos em imagens e gestos corporais cênicos. Mas ainda me questiono: como a memória se articula com os gestos de leitura da imagem para produzir uma interpretação? Qual é a sua ancoragem?

Nesse sentido, algumas reflexões importantes são propostas, no texto de Michel Pêcheux “*Role de la mémoire*”, que busca o elo memória – imagem

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. (PÊCHEUX, 1985 apud 1999).

A questão memória – imagem apresenta-se em uma via de mão dupla: a imagem “operador da memória social” e, a imagem enquanto acontecimento, atravessada por discursos outros e dotada de opacidade. Esta última, uma

imagem como prática de linguagem, que tem sua própria memória enquanto “estruturação de materialidade discursiva⁶”.

A proposta que se estabelece, a partir da leitura de Michel Pêcheux, e considerando as pesquisas realizadas no Brasil em Análise de Discurso⁷ é a busca em compreender essa relação memória – imagem; por isso lanço para estas questões uma última provocação: como considerar a imagem não só enquanto constituinte do arquivo da memória, mas também ao contrário disso, ou seja, a memória enquanto produtora de imagens, produtora de discursos-imagem?

⁶ Idib. 52

⁷ Ênfase a AD realizada aqui no Brasil por perceber que em Países como a França, onde nasce essa corrente teórica e também desenvolvem-se pesquisas no que diz respeito as linguagens não verbais, principalmente na área da Arte, a imagem ainda é tratada enquanto estrutura apenas. As pesquisas em relação a imagem não operam no campo discursivo. A compreensão do funcionamento das linguagens artísticas estão voltadas ao campo teórico da Semiótica e da Semiologia. Ao pensar sobre uma análise do não verbal, não desconsidero totalmente tais correntes, no entanto, pretendo além de considerar a estrutura das práticas de linguagem não verbal, pretendo observar os processos de produção dos significados. Buscar principalmente o gesto fundador do processo de interpretação. E, para isso é preciso conferir a imagem e as demais práticas o status de discurso.

Referências bibliográficas:

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (coord) *Glossário de termos de discurso Análise do Discurso Instituto de Letras – UFRGS*, Porto Alegre: 2001

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis -RJ: Vozes, 1998.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 2001.

_____. *Discurso de Texto: Formulação e Circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel *Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi São Paulo: Pontes, 1997.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi Campinas SP: Unicamp 1988.

_____. DAVALLON, Jean. ACHARD, Pierre. DURRAND Jacques. ORLANDI Eni. *Papel de Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.